

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

20 de Setembro de 2024

MONIQUE RUTLER: “ISTO VAI MUDAR!” – Filmes de realizadoras escolhidos por Monique Rutler

## OVOCE STROMU RAJSKÝCH JÍME / 1969 “Comeremos os Frutos da Árvore do Paraíso”

*Um filme de Vera Chytilová*

*Argumento:* Esther Krumbachová e Vera Chytilová, a partir de uma ideia de Krumbachová / *Diretor de fotografia (35 mm, Eastmancolor, formato 1x37):* Jaroslav Kucera / *Direção artística:* Vladimír Labský / *Cenários:* Jaroslav Chytrý, Josef Dvorak, Richard Stanek / *Figurinos:* Ester Krumbachová, Bohumila Marsalková / *Música:* Zdenek Liska / *Montagem:* Miroslav Hájek / *Som (mono):* Ladislav Hausdorf / *Interpretação:* Jilka Nováková (*Eva*), Karel Novak (*Josef*), Jan Schmid (*Robert*), Julius Robert (*um homem*), Alice Ausperjerová (*a tia*), Jaromir Vomáčka (*o tio*), Ludek Sobota (*o homem com as flores*), Helena Ruzicková (*a mulher com o pavão*).

*Produção:* Estúdios Barrandov (Praga) e Elisabeth Films (Bruxelas) / *Cópia:* do Narodny Filmový Archiv (Praga), DCP, versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes, Maio de 1970 (competição oficial); estreado em Praga a 31 de Julho de 1970 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

Vera Chytilová é conhecida e reconhecida desde o início dos anos 60 como um dos nomes centrais da magnífica Nova Vaga checa daquele decénio, sendo autora de um dos clássicos de todas as novas vagas do período, **Sedmykráski/Jovens e Atrevidas**. Nunca precisou do apoio de textos de licenciaturas em *women studies* no Nebraska ou no Oklahoma para chamar a atenção sobre o seu trabalho e ter o seu talento e a sua originalidade reconhecidos. Em **Sedmykráski** e no filme que vamos ver (que alguns comentadores consideram uma “sequela” do filme de 1966) Chytilová associou-se a outro grande nome feminino da Nova Vaga checa, menos célebre do que ela junto ao público, mas não menos respeitado e admirado nos meios cinematográficos checos: Esther Krumbachová. Em *All These Bright Men and Women*, o seu clássico sobre este movimento cinematográfico (disponível para consulta no Centro de Documentação desta cinemateca), Josef Skvorecky é de opinião que Krumbachová “*pertence ao grupo mais talentoso e característico da Nova Vaga checa*”, acrescentando que “*no que refere o feminismo ela é o oposto absoluto de Chytilová; como ela, é cem por cento feminina, mas não é feminista*”. Na segunda metade dos anos 40 Krumbachová começou a trabalhar nos estúdios Barandov e em teatro como figurinista, mas era uma mulher de muitos talentos e também escrevia contos. Depois de não conseguir convencer um escritor a fazer o argumento de **Sedmykráski**, Chytilová voltou-se para ela e escreveram-no juntas. No caso de **Ovoce Stromu Rajských Jíme** Krumbachová escreveu concebeu a trama e ela e Chytilová deram-lhe forma através de um argumento feito a quatro mãos.

Tudo indica que o filme só pôde ser feito devido à relativa prudência das autoridades checas em relação ao cinema no início do período da “normalização” posterior à invasão do país, em Agosto de 1968. Foi coproduzido com a Bélgica e apresentado em competição no Festival de Cannes, sem suscitar grande entusiasmo. Depois disso, Vera Chytilová ficaria, na prática, seis anos proibida de filmar, embora não tenha havido nenhum decreto específico contra ela. Só foi autorizada a voltar a fazê-lo em 1976, depois de longas batalhas com os serviços de censura (“às vezes *fazia-me de doida só para desestabilizá-los*”) e uma carta aberta em fins de 1975 a Gustav Husak, o primeiro-secretário do Partido Comunista.

**Sedmykráski** é uma fábula eufórica e “anarquista” (mas não anárquica), que nada tem de críptica, feito durante um grande *élan* coletivo de novos cineastas. **Ovoce Stromu Rajských Jíme** costuma ser designado internacionalmente como **Os Frutos do Paraíso** mas o seu divertido verdadeiro título é bem mais direto e significativo no que refere as intenções da(s) sua(s) autora(s): **Comeremos os Frutos do Paraíso**, ou seja, transgredimos com deleite as

proibições, vamos à árvore do conhecimento. O filme tem todo o aspecto alegórico e, muitas vezes, extremamente críptico de certos filmes feitos em regimes políticos opressivos (bastante abundantes na Europa Central e na América do Sul, onde este tipo de cinema não foi raro nos anos 60 e 70), em que nada é deliberadamente definido, a causalidade é vaga e tudo - o gesto mais anódino, o objeto mais banal - pode ter um outro sentido do que o seu sentido aparente. Em geral, isto faz com que os espectadores e os funcionários dos serviços de censura dêem tratos à bola para perceber o que vêem e interpretar o seu sentido. No caso deste filme, o pano vermelho com o qual a mulher é amarrada a uma árvore suscitou à época toda uma série de interpretações, inevitáveis e óbvias, mas nem por isso errôneas. Como o filme não tem exatamente uma “narrativa” (a disputa dos dois homens pela mulher dissolve-se no conjunto dos inúmeros outros acontecimentos), gira inevitavelmente um pouco sobre si mesmo e a adesão do espectador acaba por se fixar nos seus notáveis valores plásticos. É verdade que este mundo fechado corresponde perfeitamente bem à ideia de paraíso, espaço perfeito precisamente porque é fechado ao resto do mundo. Num artigo publicado à época em *Nuestro Cine*, Antonio Martinez Estrada (para quem o filme é “*não apenas um estancamento, mas um retrocesso*” em relação a **Sedmykráski**) pôs o dedo naquilo que muitos, embora nem todos os espectadores, considerarão como um obstáculo à uma adesão total: como alguns outros filmes checos do período (por exemplo, **Mucedníci lásky/Os Mártires do Amor e O Slavnosti a hostech/ “A Festa e os Convidados”**, de 1967 e 1966, ambos de Jan Némec e co-escritos por Krumbachová), o filme “*tem uma estrutura de parábola e é, até certo ponto uma parábola: ou seja, há uma série de signos que respondem a um significado muito preciso, partindo de alguns elementos muito simples - um triângulo: Adão, Eva e a maçã-diabo; porém desta vez, seja quais forem os motivos e é aqui que reside a sua falha, os signos foram despojados do seu significado, a parábola tem apenas o seu aspecto exterior de narração infantil e o seu valor reduz-se à beleza dos signos utilizados. Ou, o que também é possível, as relações que unem os signos ao seu significado são tão complexas que tornam impossível, para quem não conheça previamente a chave, conseguir percebê-los. Por isso, o principal interesse do filme está nos seus valores audiovisuais*”. Quanto a Josef Skovorecky, define **Ovoce Stromu Rajských Jime** como “*uma obra extremamente complicada, com a estrutura de um romance criminal, emoldurada por citações dramáticas do segundo capítulo de Génesis*”, resultando num “*«objet d’art» independente. A ênfase é posta na beleza, embora as ambições sejam filosóficas; e se existe uma coisa chamada formalismo, cá temos um exemplo. Mas, como a senhora realizadora sempre quis que fosse, um belo formalismo*”.

Entre os numerosos signos espalhados pelo filme, além da maçã, cujo significado é óbvio, há outros “frutos” do paraíso (molhos de cenoura e de salsa), gritos de um pavão, uma chave que se perde e é roubada, um carimbo na coxa de uma mulher, bruscos *inserts* de grandes planos de animais (um gato, uma águia, uma coruja, um jacaré), adultos que jogam com um grande balão, como se fossem um grupo de crianças. Em certas passagens pode-se associar a Eva do filme ao Capuchinho Vermelho, com as suas conotações sobre a descoberta do sexo por uma criança/adolescente e a breve sequência no barco talvez seja uma alusão à cena de **Sunrise** em que o homem se prepara para matar a mulher, antes de mudar totalmente de atitude. Mas isto são conjecturas e a impossibilidade de perceber as conotações aludidas pela realizadora reduz os signos que espalhou pelo filme, “*despojados do seu significado*”, a puras imagens, articuladas com enorme sentido visual e aural, num filme controlado ao milímetro. Neste sentido, o preâmbulo, com a queda de Adão e Eva, é especialmente notável, com a sobreposição de diversas imagens e cores, sob o fundo sonoro de uma cantata especialmente escrita para o filme. O jogo de cores reforça a excepcional qualidade visual de **Ovoce Stromu Rajských Jime** (e aqui o trabalho de Krumbachová como figurinista é de uma importância crucial), que é uma perfeita construção formal, que fica no entanto fechada em si mesma, críptica e um tanto ininteligível, exceto a última réplica de Eva, que serve de moral da história: “*É bom comer os frutos do paraíso*”.

Antonio Rodrigues